

# A Casa do Lago

Manuela Monteiro

Era uma Floresta de carvalhos, bétulas e faias – à beira de uma pequena cidade.

As árvores eram antigas, belas e frondosas e uma luz misteriosa, doirada e verde, filtrava-se pela ramaria e cobria os tufos dos fetos, os arbustos das bagas de um negro maduro e azulado, as pérolas irisadas das camarinhas.

Abril despertara os lírios-do-vale ainda adormecidos – e descobria, roxas e delicadas, as flores pequeninas da violeta-brava.



*Ilustração de Gabriela Sotto Mayor*

Esquilos saltavam, alegres e ágeis, de ramo em ramo, agitando as suas caudas fartas e fulvas de um castanho avermelhado.

Pequenas aves de todas as cores esvoaçavam atrás de um raio de sol - misturando melodias, cantigas e gorjeios. E a Floresta era música – e era brisa que fazia murmurar as folhas claras das bétulas e das faias.

O gavião, de olhar doirado e penetrante, pairava sobre o arvoredado – e era o alado guardião daqueles bosques, dos seus segredos e dos seus prodígios.

Mas o rei daqueles verdes reinos era o gato-bravo – solitário, furtivo, crepuscular e nocturno.

Havia cavalos selvagens, belos e livres.

E uma ribeira de águas azulíssimas.

Nas suas margens cresciam loendros que, em Maio, se cobriam de grandes flores púrpura e carmim – mais belas e esplendorosas que em qualquer outro lugar do mundo.

Do outro lado da Floresta, o mais distante da cidade, ficava o lago – uma quietação de águas azuis, verdes e vivas, onde boiavam nenúfares de largas folhas flutuantes e flores alvíssimas e – enigmático, misterioso e distante – vogava um casal de cisnes negros.

Dizia-se, desde a sem memória dos tempos, que a Floresta era habitada por seres maléficis que, em noites de lua-cheia, se reuniam na clareira grande conspirando feitiços, maus-olhados e bruxarias com que haviam de assombrar as vidas dos humanos.

Os habitantes da cidade não ousavam penetrar naqueles lugares – já que é da natureza dos homens temer aquilo que não conhecem ou não conseguem explicar.

Por isso a floresta permanecia intocada e mágica.

\* \* \*

Foi um alvoroço na cidade quando a Avó do João foi viver para a Floresta, numa casa de madeira, em frente ao lago.

A Avó do João fora, durante muitos anos, professora na Escola da Avenida.

Quando deixara de dar aulas, começara a escrever. Histórias. E das histórias se fizeram livros. E com os seus livros e as suas histórias andava de escola em escola a ensinar os meninos, crescidos e mais pequenos, a amar as palavras – e a desocultar o que, de mais belo e secreto, por detrás delas se oculta.

“Já estou velha para estas vadiagens” – dizia. Mas ia sempre que as escolas a chamavam e voltava com o seu andar leve e ligeiro – de “gazela” dissera alguém há muitos, muitos anos atrás – o riso claro, os braços carregados de livros e de rosas. E os olhos luzindo todas as estrelas que haviam sobrado – das miríades de estrelas que acendera nos olhos dos meninos.

Todas as quartas-feiras o João – alto, belo e moreno, de grandes olhos moiros - ia visitar a Avó à Casa do Lago.

A Mãe dava-lhe uma caixinha de bolinhos de mel para ele levar à Avó e recomendava:

- Não entres na floresta, João! Está enfeitiçada e, quem lá entrar, fica para sempre prisioneiro das feiticeiras e dos seus feitiços! João, vai pela estrada do lago!

O João aprendera com a Avó a não ter medo de feiticeiras, nem de feitiços nem de feitiçarias. Ele até tinha uma amiga bruxinha! Bruxinha Margarida - que é nome de pérola e de flor.

Mas isso é outra história...

E nesta história e naquela quarta-feira, o João entrou na vereda da Floresta que ia dar à clareira grande.

Nas mãos, levava a caixinha com os bolinhos de mel. Nos olhos, a Avó e a Casa do Lago.

\* \* \*

Era uma casa de madeira com um alpendre coberto de buganvílias de um prodigioso e nunca visto carmesim.

Do lado esquerdo do alpendre ficava a mesa de trabalho – comprida, rectangular, feita de uma única tábua de castanho velho – onde se amontoavam livros, papéis, revistas, jornais e toda a sorte de objectos, num caos em que a Avó surpreendentemente se entendia.

Debaixo da mesa, deitada, a Amiga que a Avó trouxera da sua casa da cidade. Uma velha cadela “basset-hound” de corpo baixo, comprido e pesado, pêlo tricolor, patas curtas e grossas, longas orelhas cor de mel. Os olhos muito grandes, redondos, doirados. Dulcíssimos. Duma doçura para além das palavras – indizível.

“É a minha companheira. Com ela, nunca estive só” – dizia, num sorriso emocionado, a Avó.

Do lado direito, os vasos com os gerânios trazidos da sua varanda da cidade e onde se contavam espécies belas e raras, recolhidas ao longo de longos anos. A preferida da Avó estava em cima de uma mesa de jardim e nas suas pétalas confundiam-se um sumptuoso púrpura e um nocturno azul.

Suspensa, uma cama de rede onde era bom dormir e sonhar. E a Floresta, os lírios-do-vale e as violetas, o gavião e o gato-bravo, o canto dos pássaros e o murmurar das folhas, a ribeira dos loendros e os cavalos selvagens, o lago e os nenúfares, o casal de cisnes negros – eram o coração de todos os sonhos.

À roda da casa, cresciam madressilvas, hibiscos, girassóis, rosas bravas e jasmims, uma trepadeira de pequeninas flores de um violeta azulado e toda a espécie de arbustos e ervas com aromas – alecrim, mirra e rosmaninho, alfazema, menta e lúcia-lima. “O perfume da Casa do Lago” - dizia a Avó. “O perfume da Avó” – dizia o João.

Os raros amigos que se atreviam a visitar a Avó – vindos todos pela estrada do lago – diziam sempre:

- As tuas trepadeiras e os teus arbustos são mais altos, mais belos e mais perfumados do que nos jardins da cidade. A tua buganvília tem a cor do coração das romãs ou dos rubis do Sião; o teu hibisco é um pôr-do-sol de fogo; o teu jasmim tem a brancura das neves eternas do Himalaia – onde mora a mais clara brancura da terra. Deve dar-te muito trabalho o teu jardim!

- Não, eu até tenho pouco jeito para a jardinagem – a Avó sorria, e havia um pequeno mistério escondido no seu riso.

- E os cisnes negros? Como vieram aqui parar?

A Avó olhava a quietação das águas, as ilhas verdes e brancas dos nenúfares, o deslizar esfíngico e majestoso dos cisnes.

- Já aqui estavam quando cheguei – e sorria e de novo havia um pequeno mistério escondido no seu riso.

\* \* \*

Um dia a Avó, sentada na sua cadeira de bambu por detrás da mesa do alpendre, com a cadela a seus pés e mexendo e remexendo uma pilha de livros e papéis, “amo a brancura nua das folhas”, perguntou:

- João, és capaz de guardar um segredo?
- Um segredo, Avó? Só um? Mas nós temos tantos segredos.
- Claro que temos. Desculpa. Mas este é um segredo muito especial.

O João ficou calado, suspenso. Todos os segredos da Avó eram especiais. Este, então, devia ser “especialmente especial”

- Tu sabes quem habita esta floresta?
- Feiticeiras, bruxas, lobisomens, espíritos maus... – riu o João.
- Duendes.
- Duendes?! E o que são duendes, Avó?

- São seres de aspecto humano, mas pequeninos, de orelhas pontiagudas e que podem tornar-se visíveis ou invisíveis, a seu bel-prazer. Adoram fazer mil e uma travessuras, durante a noite, nas casas dos homens.

- E habitam a Floresta?

- Desde o princípio dos tempos. Como aqui não vivem humanos, eles passam a vida a divertir-se entre si e a pregar partidas uns aos outros. São muito brincalhões.

- Falas como se os conhecesses.

- E conheço. Quando aqui cheguei, nos primeiros tempos, a casa de manhã aparecia toda revirada: os livros fora das prateleiras, a loiças fora dos armários, as fotografias e as memórias espalhadas pela casa.

As fotografias e as memórias enchiam a casa e aqueciam o coração da Avó.

Fotografias das pessoas e dos lugares amados. Memórias que iam das preciosidades da casa fidalga do Avô – uma Nossa Senhora do Carmo do século XVII delicadamente esculpida em madeira doirada e com um suave rosto de marfim; um leque de seda com miosótis de um azul subtil, exóticos pássaros cor de fogo e um palácio de três torres rodeado de rochedos, mar e velas; louças da china com suas flores e mariposas de um sumptuoso azul... – até à folha de plátano que a Avó e o João haviam apanhado num jardim da cidade, num fim de tarde outonal e doirado, quando ele ainda mal sabia andar.

- E um dia mexeram nas minhas “escritas” – era assim que a Avó chamava às coisas que ia escrevendo – e espalharam-me pela casa as cento e trinta páginas do livro que eu devia entregar nesse dia à editora. Foi uma manhã inteirinha até conseguir pô-las por ordem. Imaginas como eu fiquei...

O João imaginava... e muito bem. Também ele, um dia, mexera nas “escritas” e vira a Avó zangada pela primeira e única vez. Demorou uma eternidade a regressar-lhe o sorriso, nesse dia.

- Perdi a paciência e chamei por eles até que consegui que aparecessem. Eles andam sempre por aí, mas só se tornam visíveis quando muito bem entendem. São muito caprichosos.

- Mas como é que tu sabias que tu sabias que eram os duendes que andavam cá em casa?

- Olha, não sei. Há coisas que sabemos sem sabermos que as sabemos. E eu sabia.

- Que confusão, Avó!

- Tens razão, desculpa. Andam entusiasmadíssimos por terem, finalmente, um humano a habitar a sua floresta. Agora deixam a casa em sossego durante a noite, mas estão sempre por perto. São eles que tratam do jardim, que limpam o lago, que dão de comer aos cisnes. Até já começaram a plantar uma horta e um pomar por detrás da casa. Depois mostro-te. E sabes o que querem em troca?

- Em troca? Então tu e os duendes estabeleceram um pacto?

- Podes chamar-lhe assim. Em troca querem que eu lhes leia as minhas histórias. Eu a ler histórias a duendes! Imagina!

- E eles gostam?

- Parece que sim. Gostam, sobretudo, de que nas minhas histórias misture o real e o fantástico. Que as fadas, as bruxas, as sereias e os humanos habitem e partilhem o mesmo mundo. Agora querem que eu escreva uma história sobre eles.

- E vais escrever? Uma história sobre duendes?

- Claro que vou escrever, prometi-lhes. Mas só quando os conhecer melhor.

- Então não há feiticeiras, nem feitiços, nem feitiçarias na clareira grande.

- Não. Só há duendes. Bem alegres e divertidos por sinal. É lá, na clareira grande, que eles fazem as suas festas em noites de lua cheia. Fui convidada para a última... há uns dias atrás.

- E foste, Avó?

- Claro. Olha, foi muito mais interessante que as festas dos homens. Os duendes são óptima companhia. Qualquer dia conto-te.

- Gostava tanto de conhecer os teus duendes!

- Um dia, a seu tempo, vais conhecê-los. Já lhes falei de ti. Mas não são os meus duendes, João, são os duendes da Floresta. Que me adoptaram como se eu fizesse parte dela também. Da alma da Floresta – como eles dizem.

Sem se dar conta, o João chegara, naquela quarta-feira desta história, à clareira grande – que era o coração limpo, aberto e claro da Floresta.

Era da clareira grande que partiam todas as veredas da Floresta e todas eram mais ou menos iguais. Mas os olhos do João procuraram o carvalho mais alto e mais robusto em cujo tronco a Avó pregara uma seta de madeira onde escrevera “Casa do Lago”.

O João entrou decidido na vereda assinalada, atento a toda a vida que o rodeava – os esquilos saltitando alegremente de ramo em ramo, o despertar dos lírios do vale e o espreitar tímido da violeta-brava, o restolhar dos coelhos nos tufos dos fetos e dos arbustos -com suas bagas de um negro azulado, a silhueta bela e distante dos cavalos selvagens, o murmúrio líquido e quase imperceptível da ribeira dos loendros, o dedilhar da brisa na folhagem.

Comia uma a uma as pérolas nacaradas das camarinhas e juntava o seu assobio juvenil ao canto da passarada.

Algum tempo depois, tudo começou a tornar-se estranho. A vereda ia-se tornando estreita, cada vez mais estreita, até que por completo desapareceu e João esbarrou contra um muro intransponível de arbustos e silvados.

Só nesse momento – com o coração descompassado de terror e angústia – João compreendeu que entrara no trilho do gato-bravo.

Teve medo, quis regressar à clareira, mas ramos de árvores desconhecidas eram braços que o agarravam e o prendiam, havia plantas estranhas que se lhe enrolavam no pescoço e o sufocavam, espinhos cravavam-se-lhe nas mãos e no rosto e, na noite de breu e de silêncio que subitamente se abateu sobre a Floresta, João apercebeu-se apenas de um leve ruído – ameaçador e furtivo – e viu – amarelos e cruéis – os olhos do gato-bravo.

- Socorro! - gritou.

E logo apareceu à sua frente uma luminosa criatura de admirável beleza, longa túnica de seda verde-esmeralda, cabelos negros presos numa tiara de fogo.

- Chamaste-me, João?

- Eu... tu... eu... – e a voz do João era um murmúrio de temor e pasmo.

- Fica tranquilo. Já estou contigo.

- Tu... tu és um anjo, não és? És o meu anjo-da-guarda. A Avó falava-me muito de ti quando eu era mais pequeno.

- Não, não sou o teu anjo-da-guarda. Nem sequer sou um anjo.

- Então quem és?

- Sou uma fada – e a bela criatura sacudiu, com mãos leves e delicadas, a sua longa túnica verde-esmeralda.

- Uma fada?!!! Mas não tens varinha de condão!

- Olha, mas também não tenho asas como os anjos.

- Lá isso é verdade. Não tinha reparado. Mas as fadas têm que ter uma varinha de condão – insistiu o João.

- Esqueci-me da minha varinha de condão – disse a fada, erguendo um narizinho arrebitado: era uma fada muito jovem, mas com grande personalidade –As fadas não podem, às vezes, ser um pouco esquecidas?

- Sim. Mas...

- E, olha, a minha distração é até bem natural. Com tanta coisa que temos para fazer, tantos pedidos de ajuda! Os homens andam tão confusos e perdidos. As minhas irmãs mais velhas que já vivem há milhares e milhares de anos...

- E tu vives há...? – mas o João logo se calou, arrependido, pois já lhe tinham ensinado que não se deve perguntar a idade às pessoas, sobretudo se elas são mulheres ou raparigas; e agora acabava de concluir que era inútil perguntar a idade a uma fada –“as minhas irmãs mais velhas que já vivem há milhares e milhares de anos!!!”

- O que ias perguntar?

- Nada, nada! Continua.

- Pois, como te estava a dizer, as minhas irmãs mais velhas...

- Que já vivem há milhares e milhares de anos...

- Sim, e por isso têm uma longa sabedoria e uma longa experiência, dizem que nunca viram os homens tão infelizes como agora. Sempre em guerra, a destruírem as suas casas, os seus campos, as suas cidades, as suas vidas. Dia após dia. Ano após ano. Sem conseguirem jamais resolver os seus problemas. Encontrar a paz. Por isso solicitam a todo o tempo a nossa ajuda.

- Mas como é que tu pensas ajudar os homens ou, neste caso particular, ajudar-me a mim sem a tua varinha de condão?

- Ai João, João! Não aprendeste nada com a tua Avó?

- Com a minha Avó? Conheces a minha Avó?

- Claro que conheço a tua Avó.

João não ficou particularmente admirado. A Avó conhecia tantas e tão diversas gentes! Por que razão não havia de conhecer uma fada?

- O que é que eu devia ter aprendido com a minha Avó?

- Que a aparência não tem importância, é apenas um pormenor, um nada vezes nada. O que realmente importa é a essência ou, para usar uma palavra de que vocês, humanos, gostam muito – a alma. A alma das gentes, dos bichos, das coisas é o que realmente importa.

- Tu também tens alma?

- Claro que tenho alma. Tudo o que existe tem alma.

- Nem tudo... – e João espantou-se por ousar contradizer uma fada, mas a Avó ensinara-lhe que devemos ter sempre a coragem de manifestar as nossas opiniões, por mais difícil que isso seja, por isso continuou – por exemplo, as pedras, diz a minha professora de biologia, são seres inanimados, isto é, sem alma.

- Isso é nos livros, - sorriu a fadazinha – Pergunta às pedras da tua casa ou às pedras da casa da tua Avó se têm alma.

- E elas vão responder-me?

- À maneira delas, sim, vão responder-te. Só precisas de estar atento.

- Falas como a minha Avó.

- Claro! E não te preocupes por eu não ter comigo a varinha de condão. Ela é só um símbolo do poder. Não é o poder. Sei de um rei que tem a mais valiosa coroa do mundo, feita de puro ouro da Núbia - país do Nilo; cravejada de diamantes das Índias, rubis do Oriente, esmeraldas de Ceilão – que são as mais belas e mais raras de todas as esmeraldas. Mas como esse rei não tem um reino, de nada lhe serve tão rica e tão nobre coroa.

- A coroa é só um símbolo do poder. Como a tua varinha de condão.

- Sim, é um símbolo do poder. E é também um adorno para os olhos dos homens – que se preocupam demasiado com a beleza, com os ornatos, com os atavios. Os homens deveriam aprender a amar mais o sapo que o príncipe.

- Estás a usar uma metáfora, mas eu compreendo-te. Deveríamos amar os outros mais pela beleza da alma do que pela aparência.

- E isso só acontecerá quando os homens aprenderem a olhar para dentro uns dos outros. Que é olhar a verdade.

- Compreendo. Mas a varinha de condão é tão linda! Mágica! A sua estrelinha iluminou tantos dos meus sonhos...

A fada riu:

- Gosto de ti, João, e vou confessar-te uma coisa. Sou ainda muito jovem, tenho só novecentos e noventa e nove anos...

João tentou esconder um sorriso.

- Não rias, o nosso tempo, o tempo das fadas, é um quasi sem fim, uma quasi eternidade. E eu, com os meus novecentos e noventa e nove anos, sou ainda muito jovem... – baixou levemente os olhos que eram verdes, como os primeiros rebentos da Primavera ou a água da ribeira dos loendros –... e um bocadinho rebelde.

- Eu sou um bocadinho rebelde também. Mas a minha Avó diz que a rebeldia é saudável e própria da juventude.

- Claro. Como te estava a dizer, um dia lá no nosso reino...

- As fadas têm um reino?

- Um reino que demorou um longo, um quasi infinito tempo a construir, mas onde agora tudo é belo e perfeito.

- Para nós, humanos, o que é belo e perfeito leva também muito tempo a construir... muito tempo do nosso tempo que não é o tempo do vosso tempo.

- Credo, João! Que grande confusão! Escuta: lá no nosso reino, numa reunião com a nossa rainha e com todas as fadas minhas irmãs, eu e outras

fadazinhas jovens e rebeldes como eu, propusemos que fosse abolido o uso da varinha de condão. Afinal não é nada prático e ...

- E é só um adorno, um atavio.

- Pois. Mas a nossa rainha e as nossas irmãs mais velhas decretaram o uso obrigatório da varinha de condão. Para iluminar os sonhos de todos os meninos.

- Temos de concordar que os mais velhos são mais sábios...

- Às vezes...

E o João e a fadazinha trocaram um sorriso jovem e cúmplice.

- Olha – disse o João – só ainda não compreendi como vim aqui parar.

Quando veio morar para a Floresta, a minha Avó...

- Eu sei, a tua Avó pregou uma seta de madeira no carvalho grande para assinalar a Casa do Lago.

- E eu entrei na vereda da Casa do Lago.

- Aí é que tu estás enganado. A noite passada os duendes – a tua Avó já te falou dos duendes – resolveram arrancar a seta e pregá-la no carvalho do trilho do gato-bravo.

- Mas porque fariam eles isso? Colocar-me em tão grande perigo? Afinal eles até são amigos da minha Avó.

- Por isso mesmo.

- Não compreendo.

- Claro que agora não compreendes. Mais tarde vais compreender e tudo fará sentido.

Neste exacto momento, surgiu no meio de ambos, de maneira assaz inconveniente e inoportuna, um jovem alto, belo e moreno, ar muito embaraçado e respiração ofegante.

- De onde vieste? – pasmou o João.

- Eu não vim. Apareci. – disse o jovem, sacudindo as folhas que tinham ficado presas na sua camisola vermelha, exactamente igual à camisola vermelha do João.

- Apareceste?...

- Sim. Não pediste ajuda? Então eu apareci. Atrasei-me um bocadinho porque estava a acabar de resolver um problema. Desculpa.

- És um rapaz muito generoso.

- Um rapaz! Mas eu não sou um rapaz! – escandalizou-se o jovem.

- Então?...

- Eu sou um anjo.

- Um anjo? Como pode ser? Não tens aparência de anjo! Nem sequer tens asas!

A fadazinha, até aí atenta e silenciosa, interrompeu:

- João, João, afinal não aprendeste nada!

- Repara! Ele não tem asas. Um anjo tem de ter asas.

- E uma fada tem de ter varinha de condão! Não fiques preso a preconceitos, a ideias feitas. Só serás livre quando compreenderes que um anjo é um anjo, mesmo sem asas; e que uma fada continuará a ser uma fada, mesmo sem varinha de condão.

- E eu sou o teu anjo-da-guarda – insistiu o jovem ainda muito preocupado – e o anjo-da-guarda de muitas pessoas mais. Por isso me atrasei a ajudar alguém que também precisou de mim. Desculpa!

- Não tens de quê! - disse o João que começava a aceitar, com toda a naturalidade, os seus dois inesperados companheiros.

- É que não me recordo e já vivo há milhares e milhares de anos...

- Outro! – pensou o João.



- ... de alguma vez os homens terem procurado tão insistentemente o nosso auxílio. Nunca tivemos tanto trabalho!

- Foi o que eu já lhe disse! – concordou a fada – Gostamos muito de ti, João, mas temos tanta gente à nossa espera!

- Compreendo.

- Então não te importas de ser ajudado por uma fada sem varinha de condão? – riu a fadazinha de longa túnica de seda verde-esmeralda e cabelos negros presos numa tiara de fogo.

- E por um anjo sem asas? – sorriu, cúmplice, o jovem alto, belo e moreno, de grandes olhos moiros exactamente iguais aos olhos moiros do João.

Do coração da floresta cresceram – sonoros e vibrantes - os acordes de uma imensa sinfonia. João sentiu o seu corpo tomado nos braços por uma materna esfera de cristal que girava vertiginosamente e, à sua volta, giravam inúmeros pequenos sóis de todas as cores – novíssima e impossível galáxia que se elevou sobre os carvalhos e as bétulas e as faias e voou alto, infinitamente alto, num espaço e num tempo fora do nosso espaço e do nosso tempo e por fim veio pousar suavemente em frente à Casa do Lago, entregando o João à Avó.

De mãos dadas, ambos ficaram a ver a esfera de cristal a elevar-se de novo num girar vertiginoso, com todos os pequenos sóis–arco-íris a girar à sua roda – e a sinfonia da floresta soou mais vibrante, mais sonora – e era uma imensa e estranha flor com pétalas de todas as cores que se foi diluindo pouco a pouco até se perder no infinito azul daquela quarta-feira, desta história.

- Agora também tu, João, fazes parte da alma da floresta.